

O INFORTÚNIO DE LUCRÉCIA E A FORTUNA DA REPÚBLICA: O LIVRO I DO AB URBE CONDITA DE TITO LÍVIO.

Mariana de Azevedo Santana Gomes¹

Resumo:

Lucrécia é uma personagem que desempenha um papel fundamental na narrativa acerca do período do final da Monarquia e início da República romana. Como a tradição mostra a mulher passiva dos atos masculinos, venho no presente artigo analisar o significado da sua aparição no contexto narrado por Tito Lívio.

Palavras-chave: Tito Lívio; Lucrécia; gênero na Antiguidade; República tardia; Monarquia romana

LUCRETIA'S MISFORTUNE AND THE REPUBLIC'S FORTUNE: TITE LIVE'S AB URBE CONDITA, BOOK I.

Abstract:

Lucretia is a fundamental character for the final monarchy and beginning of the republic in Rome. How the tradition shows the woman as passive of masculine actions, this present paper analyzes her appearance and signification in Titus Livius' narration.

Keywords: Tite Live; Lucretia; gender in Antiquity; Late Republic; Roman Monarchy

Lucrécia é uma das poucas mulheres da Antiguidade que foram amplamente abordadas em diversos aspectos.² A obra de Tito Lívio, escrita no século I AEC, é a mais antiga - a qual temos acesso - a tratar da personagem. Apresentada comumente como um exemplo de mulher por sua atitude moral, raramente é referida senão como passiva da ação masculina (JOSHEL, 1992). Sua primeira aparição na obra de Lívio ocorre no momento em que os oficiais nobres romanos e os filhos do rei Tarquínio, o Soberbo, estão a banquetear - no acampamento de guerra em Árdea - e decidem travar uma aposta sobre qual deles teria a melhor esposa. Lucrécia, esposa de Tarquínio Colatino, ganha a disputa por seu comportamento, caracterizado como o de uma honrada matrona romana, no momento em que era espionada e justamente por receber esta titulação, desperta o desejo de Sexto Tarquínio.

quo cumprimis se intendentibus tenebris pervenissent, pergunt inde Collatiam, ubi Lucretiam haudquaquam ut regias nurus, quas in convivio luxuque cum aequalibus viderant tempus terentes, sed nocte sera deditam lanae inter lucubrantes ancillas in medio aedium sedentem inveniunt. Muliebris certaminis laus penes Lucretiam fuit. adveniens vir Tarquiniique excepti benigne; victor maritus comiter invitat regios iuvenes. ibi Sex. Tarquinius mala libido Lucretiae per vim stuprandae capit; cum forma tum spectata castitas incitat. (LIV. 1. 57)

¹ Estudante de graduação em história na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Participa do projeto Eurykleia - aquelas que tinham um nome. Email para contato: mg290897@gmail.com.

² Poemas, peças, entre outros. Alguns exemplos são: a peça de William Shakespeare, "The rape of Lucrece" (1594) e a de Thomas Heywood, "The Rape of Lucretia" (1607).

Quando lá chegaram, os primeiros sinais da noite já se derramavam sobre eles. Dirigiram-se daí para Colácia, onde encontraram Lucrecia, com um comportamento bem diverso daquele das noras do rei, as quais tinham visto dissiparem o tempo com suas iguais no banquete e no luxo. Já noite avançada, entre as escravas que a acompanhavam na vigília, Lucrecia estava sentada no meio da sala e se dedicava ao trabalho da lã. A vitória na disputa sobre as mulheres coube a Lucrecia. O esposo que chega e os Tarquínios foram acolhidos com alegria. O marido vencedor gentilmente recebeu os jovens filhos do rei. Então um desejo sinistro de possuir Lucrecia à força apoderou-se de Sexto Tarquínio. A beleza, mas, sobretudo, a integridade comprovada o incitava.³

O que chama atenção nessa primeira passagem, que aborda a esposa de Colatino, é a ocupação que dignifica a personagem, ou seja, o trabalho com a lã. Segundo Eva Cantarella (1997), o lanifício foi um privilégio concedido às mulheres na época de Rômulo, tornando-o o “único” esforço de trabalho feminino. Tal benefício teria sido dado às mulheres sabinas, naturalizadas romanas na sequência do rapto (LIV. 1. 9), após o acordo de paz entre sabinos e romanos, em razão de sua ajuda na conciliação. Entretanto, esse não é um caso isolado da tradição de “esposas tecelãs”. Outro exemplo é o modelo homérico apresentado em Penélope, na Odisseia.

No que diz respeito à tradição, faz-se presente a questão da identidade, e me remeto à definição proposta por Judith Butler em “Gender Trouble” (1990). A autora encara a identidade como uma construção social e aponta as representações como forças ativas nesta formação. Desde o momento do nascimento, e de inserção na cultura romana, os cidadãos e cidadãs assimilavam os papéis de cada gênero a ser desempenhado segundo o sexo determinado. Tais papéis eram transmitidos e fixados através da educação e da lei. Aquele exercido pela mulher na infância, por exemplo, era de servir de patrimônio do *paterfamilias* (CANTARELLA, 1997). Já no casamento, além de atuar como bem no mercado de trocas simbólicas para instituir alianças familiares, a mulher desempenhava a função de apoio ao marido (STEVENSON, 2011), como cuidar de sua *domus* e da *prole*. Dessa forma, o estado permanecia inabalável e seguro, com o funcionamento correto segundo a moral ideal romana, tal como apresentado por Lívio.

No primeiro livro de sua obra, o autor pretende tratar da Monarquia Romana a partir da tradição e das obras dos poucos escritores que, assim como ele, se propuseram a escrever sobre ela séculos depois da queda dos reis (PEREIRA, 2002). Segundo

³ Para a presente passagem e as subseqüentes: Trad. de Mônica Costa Vitorino, 2008.

Alexandre Grandazzi (2009), restam, a respeito do período, poucos vestígios arqueológicos para uma análise comparativa com o manuscrito. Sendo assim, em uma análise menos ingênua, vemos que a apresentação de uma figura que pode ou não ter existido tem a finalidade de atuar no imaginário social da época de Lívio - séc. I AEC -, tornando-se um *exemplum*.

Os Tarquínios iniciaram sua linhagem real com Tarquínio Prisco. Afastado da sucessão do trono pelo plano de sua mãe, Tanaquil, de tornar Sérvio Túlio o herdeiro, Lúcio Tarquínio - depois de se casar pela segunda vez com uma das filhas de seu rival - conspirou contra o sogro e mandou assassiná-lo (LIV. 1. 48). Em razão do seu reinado ter sido marcado por tiranias e atrocidades, passou a ser chamado de Tarquínio, o Soberbo. Seu filho, Sexto Tarquínio, cúmplice das iniciativas paternas, foi o protagonista da injustiça que encerra o reinado dos Tarquínios e a monarquia em Roma.

paucis interiectis diebus Sex. Tarquinius inscio Collatino cum comite uno Collatiam venit ubi exceptus benigne ab ignaris consilii cum post cenam inhospitale cubiculum deductus esset, amore ardens, postquam satis tuta circasopitique omnes videbantur, stricto gladio ad dormientem Lucretiam venit sinistraque manu mulieris pectore oppresso “tace, Lucretia,” inquit; “Sex. Tarquinius sum; ferrum in manu est; moriere, si emisericis vocem.” cum pavida ex somno mulier nullam opem, prope mortem imminentem videret, tum Tarquinius fateri amorem, orare, miscere precibus minas, versare in omnes partes muliebrem animum. ubi obstinatam videbat et ne mortis quidem metu inclinari, addit ad metum dedecus: cum mortua iugulatum servum nudum positurum ait, utin sordido adulterio necata dicatur. (LIV. 1. 58)

Passados poucos dias, Sexto Tarquínio, sem que Colatino soubesse, voltou a Colácia com um único companheiro. Acolhido com hospitalidade pelos que ignoravam a sua intenção, após o jantar foi conduzido ao quarto de hóspedes. Ardendo em desejo, depois que tudo em volta parecia bastante seguro e todos estavam adormecidos, com a espada em punho aproximou-se de Lucrecia, que dormia. Comprimindo o peito da mulher com a mão esquerda, disse: - “Cala-te, Lucrecia, sou Sexto Tarquínio, tendo na mão uma espada; morrerás se emitires uma única palavra”. A mulher, aterrorizada por ser despertada daquela forma, não via salvação diante da morte iminente. Tarquínio confessava-lhe seu amor, implorava, misturava ameaças às súplicas, tentava de todas as maneiras subjugar o espírito da mulher.

Percebendo-a inflexível, certo que não se dobraria nem pelo medo da morte, ele acrescentou ao medo a ameaça de desonra, dizendo que um escravo nu, degolado, haveria de ser colocado junto ao seu cadáver para que dissesse que fora morta em adultério sórdido. Vencido o pudor obstinado com essa infâmia, saciado assim o seu desejo, orgulhoso por denegrir a honra da mulher, Tarquínio partiu.

Sexto conquista a castidade de Lucrecia quando engendra nela o medo de uma desonra maior que o estupro - o forjado adultério com um escravo. Tal observação, feita por Alison Keith (2004), pode ser utilizada para analisar a passagem acima. Com efeito, compreender que a sociedade romana era extremamente hierarquizada é de suma importância, pois por mais desonrosa que fosse, por si só, a ideia de adultério, a possibilidade deste ser com um membro da mais baixa classe social tornaria o fato ainda mais ultrajante - para uma mulher da nobreza. Como sabemos, essa categoria engloba Lucrecia. Tentando poupar sua família - e a si - de um desprestígio maior, Lucrecia se rende à violência sexual. O evento tem seu desfecho no suicídio de Lucrecia com um gládio, forma que Nicole Loraux define como honrada em seu livro “Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher” (1988), por ser associada à virilidade masculina na morte em campo de batalha. Aparentemente, uma vez perdida, a castidade não poderia ser recuperada, ou seja, Lucrecia permaneceria tendo a desonra cravada em seu corpo enquanto existisse. Ela, então, tira a própria vida para restaurar o prestígio dos seus.

dant ordine omnes fidem; consolantur aegram animi avertendo noxam ab coacta in auctorem delicti: mentempeccare, non corpus, et unde consilium afuerit, culpam abesse. “vos,” inquit, “videritis, quid illi debeatur: ego me etsi peccato absolvo, supplicio non libero; neculla deinde inpudica Lucretiae exemplo vivet.” cultrum, quem sub vesteabditum habebat, eum in corde defigit prolapsaque in volnus moribunda cecidit. conclamat vir paterque (LIV. 1. 58).

Todos, uns após outros, empenharam a palavra. Estando tão atormentada, consolaram-na, desviando a culpa da vítima para o culpado do delito, dizendo que a mente, e não o corpo, comete o erro, e que onde não há intenção não há culpa. Ela disse: “Vós cuidareis do que lhe for devido: e, se eu mesma me absolvo da culpa, não me libero do castigo, para que, com o exemplo de Lucrecia, depois de mim nenhuma mulher impudica viva”. Cravou no peito um punhal que trazia escondido sob a veste e, debruçando-se sobre a ferida, caiu moribunda. Desesperaram-se o pai e o marido.

Para a mulher, a relação sexual dentro do casamento prevenia, segundo recomendações prescritas nos aforismos de Hipócrates, doenças como a histeria, e, além disso, representava a possibilidade de gerar filhos, o que as colocaria no mais alto patamar elogioso que poderiam alcançar com seus corpos “imperfeitos” e “esponjosos” (GOLDHILL,2004). Sendo o corpo feminino pertencente à sua família, sua honra residia no perpetuar da mesma. Esse adendo facilita o entendimento da atitude de Lucrecia em equiparar o estupro ao adultério, já que ela seria a lembrança viva da violação da casa -

família – de Colatino e Lucrécio (JOSHEL, 1992). A comoção de Lúcio Júnio Bruto e Plúbio Valério, amigos da família que testemunharam a cena, junto a Espúrio Lucrécio - pai da falecida mulher - e o marido, pelo infortúnio de Lucrécia, age como ‘catalisador’ para a revolta contra a família monárquica (STEVENSON, 2011) que, com seus excessos, havia desvirtuado a ordem correta do governo.

É importante atarmos-nos ao fato de que outras atrocidades haviam sido cometidas pela família real. Todavia, por que a morte de uma mulher se torna o estopim da mudança de um sistema regente? A morte de um homem virtuoso como Sérvio Túlio, rei que fora assassinado de forma indigna e ainda privado de um sepultamento, não seria um incentivo à revolta? Por que ao invés da pretensão de tornar-se rei - o que até mesmo Lívio diz que teria sido mais fácil e aceitável para o povo (LIV. 2. 1) - Bruto decide dar fim à Monarquia Romana?

As perguntas levantadas são importantes para transcender o documento e buscar além da representação, na ausência do que foi dito. Ao tratarmos estritamente do que é apresentado em **Ab Urbe Condita**, vemos que possivelmente a questão maior é o fato de uma mulher teria tirado a própria vida para honrar seu dever, mostrando-se disciplinada, como deveriam ser os soldados romanos (JOSHEL, 1992) e virtuosa - qualidade especificamente masculina -, como se quisesse obter a glória dos heróis mitológicos. Seria esse o motivo pelo qual Bruto se sentiu no dever de agir? A necessidade de mostrar-se virtuoso frente a um ato feminino glorioso?

O corpo inerte de Lucrécia foi exibido em praça pública (LIV. 1. 59), o que tornou o acontecido concreto aos olhos da multidão e causou emoção e efervescência entre os que estavam presentes. Muitos se juntaram à revolta e partiram, com os líderes do movimento - contra a Monarquia - para Roma, com o objetivo de depor o rei. O episódio final da história de Lucrécia versa sobre a atuação masculina legitimada “sobre seu corpo morto”, a partir do qual a ordem é reconstituída (KEITH, 2004), e a República recém-instaurada personificada. Desta forma, apontando as causas e os desdobramentos do acontecido, a fortuna da República romana não seria Bruto, e sim Lucrécia.

Documentação:

HIPOCRATES. **Aforismos**. Trad. José Dias de Moraes. São Paulo. Ed. Zumbi, 1959.

LIVY, T. **The History of Rome, Book I.** Trad. Foster, B.O. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=urn:cts:latinLit:phi0914.phi0011.perseus-eng1>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.

LIVY, T. **The History of Rome, Book II.** Trad. Foster, B.O. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=urn:cts:latinLit:phi0914.phi0012.perseus-eng1>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.

LÍVIO, T. História de Roma – desde a fundação da cidade. Livro I – A Monarquia. Trad. Mônica Costa Vitorino. Rio de Janeiro. Ed. Crisálida, 2008.

Bibliografia:

BUTLER, J. **Gender Trouble.** New York and London: Routledge, 1990.

CANTARELA, E. **Passado Próximo, Mujeres Romana de Tácita a Sulpicia.** Valência: Universitat de Valencia, 1997.

GOLDHILL, S. **Amor, Sexo e Tragédia.** Jorge Zahar: 2004.

GRANDAZZI, A. *As Origens de Roma.* Editora UNESP: 2009.

JOSHEL, S. **The Body Female and the Body politic: Livy's Lucretia and Verginia.** In: _____. **Pornography and Representation in Greece and Rome.** Oxford University Press, 1992. p. 112-130.

KEITH, A. **Engendering Rome, Woman in Latin Epic.** Cambridge: Cambridge Press, 2004.

LOURAUX, N. **Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

PEREIRA, M. H. R. **Estudos de história da cultura clássica.** v. 2: Roma. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

STEVENSON, T. **Women of Early Rome as Exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1.** The Johns Hopkins Press, 2011.